

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

# O PENSADOR.

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

—El jam min, sinca jorathi luttantes, el circumferenciar unni, veri doctrina, in sequia hominum, la actura ad circumventorem errare. (S. Paulo, Epistola Cap. V, v. 15. ad Ephesos.)

Propriedade de uma associação.

Maranhão, 30 de Outubro de 1881

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE OUTUBRO DE 1881.

#### Ultima iniquidade do bispo diocesano.

O publico inteiro desta capital está a par do facto que ultimamente se deu e de que nos occupamos nos nossos numeros anteriores. Sabe que declarando o bispo diocesano não nomear o padre Gervasio Antonio Nogueira, para o cargo que já ha annos exerceia interinamente, causou isto grande desgosto ao estimavel sacerdote, fazendo-lhe apparecer um accesso de alienação.

Não foi nosso moel, narrando esse facto, explorar um meio de guerra á anterioridade diocesana. Não. O fizemos tão somente para acompanhar a opinião publica, na justa indignação de que se achava possuida para com o causador das infellicidades do padre Gervasio. De todas os vinhos queixas bem atargas contra o acto do diocesano. Elle era a ordem do dia em todos as rodas, em todas as conversações.

Convictos de que estavamos com o direito e com a justiça tracamos o artigo que a esse respeito foi publicado. O publico sensato applaudiu a posição, que assumimos, tomando a defeza de uma victima dos odios desse malvado que, em tão má hora, aportou em nossas plagas.

Fôra o melhor possível o effeito produzido pelo nosso artigo. O publico, testemunha dos acontecimentos que tiveram lugar, reconheceu a verdade das nossas asseverações e commensal symphonis o acto do diocesano.

Reu o reconheceu a negra cailha, que o cerca e jurou perdê-lo. E, por isso, esse mesmo malvado, aquelle jesuita infame e atrevidissimo que, semelhante ao *colera-machus* levava a desolação á familia paraense, d'onde sendo expulso, veio para esta capital envulvar-nos, appareceu com um artigo anonymo no jornal *Paiz*, em que, procurando defender o injusto e inqualificavel acto do diocesano, nos assaca diversas insultos.

Nós, porem, dispensamos taes necessidades. Não ligamos a minima importancia ao que de nós possa dizer um individuo que já de ha muito, pela pratica de crimes os mais nefandos, devêra trazer no pé a grilheta de forçado. Não levantamos da luma as affirmações desse padre estulto, desse individuo crapuloso e devasso, mascarado do sacerdote de Christo!

Si lhe damos resposta, é em attenção ao publico. Si lançamos mão da pena, para oppor algumas considerações ao que disse esse *Dirrag*, no seu artigo, é por que não podem permanecer do pé algumas affirmações que avangam, para defender o inqualificavel acto do diocesano. A unica taboa de salvacão a que se

agarrar o defensor do bispo é já ter Gervasio soffrido accessos de alienação por tres vezes! Oh! santa simplicidade....

Si assim é, como se consente que ande livremente, no meio da sociedade, um individuo que abusou da fraqueza de duas pobres meninas desvalidas, que roubou-lhes o dote, que já empunhou o facamarte do sicario?

Para haver igualdade de circumstancias, devia ser esse malvado recolhido a qualquer das prisões do Estado.

Mas o padre Gervasio não estava inhabilitado de dirigir a freguezia. Della estivera entregue havia mais de dois annos e nunca contra elle fôra levantada a menor queixa. Pelo contrario, todos o estimavam, todos tinham-lhe uma commo veneração, pelos actos verdadeiramente paternaes que praticava.

D'ahi—esse pezar que se apouso de todos os corações—ao propagar-se a noticia da injusticia soffrida por Gervasio e da infelicidade que lhe sobreveio. D'ahi—a immensa concurrencia de pessoas que dirigio-se á casa de Gervasio, para receber um voto de pezar pela desgraça áquelle que lhes servira de paer.

E como se poderia julgar da competencia de Gervasio, para gerir uma freguezia, senão pelos seus precedentes, pelos actos que praticava, quando della estivera encarregado? Não é isto razoavel?—Sem duvida.

Mas, nós já o dissemos, o o publico inteiro o pode testemunhar, no exercicio interino de seu cargo, nunca Gervasio praticou um só acto que o desahucasse. Nunca deixou elle de acudir a um chamado de qualquer pessoa, nobre ou plebeo, que precisasse de seus servicos.

E a integridade do caracter de Gervasio é uma das cousas que mais se deve tomar em consideração. Elle não fazia distincção entre pessoa alguma. Todos perante elle eram iguaes. A todos tratava com a maior solicitude.

Não tem, pois, base alguma a estulta defeza que do acto do diocesano, procurando fazer aquelle mesmo, que o levára a praticar-o. Cae ella no mais simples exame.

O nosso bispo diocesano que, embora homem simples e falto de illustração, acreditamos ser, dotado de bom coração já ter reconhecido a injustiça do acto que praticou, a despeito das defezas que lhe possam fazer os padres que o cercam. Esta nossa supposição baseia-se em factos de que temos conhecimento.

Ainda uma vez assumindo o lugar que compete ao sr. d. Antonio d'Alvarenga, dar-lhe-emos um conselho. Dir-lhe-emos o que deve fazer. E esperamos que tomará em consideração as nossas palavras.

Desembarrace-se dessa cailha de tratantes, que o quer a todo transe perder.—Expulsa, a chusote, desta diocese, esse padre vil que nos veio da provincia do Pará para nosso mal e desgraça de v. exc.

Faga tudo isto, excm. sr. E só então poderá v. exc. contar com a estima e respeito de suas ovelhas.

#### Escandalo eleitoral.

Os padros de Santo Antonio e das Mercês, que constituem a escoria do clero maranhense e formam esse grupinho bofego e atrevidissimo, que procura perturbar a paz desta diocese, começando a discordia o desgosto na corporação a que que indignamente pertencem, zombam impudicamente da lei e fazem alarde de obediencia unicamente ao seu *Robão* pastor.

Hontem era um padre exercendo dois cargos contra expressa determinação da lei. Depois outro mascarado de conego sem titulo legal que o autorizasse.

Em seguida um pronunciado por crime de calunnia percebendo não obstante os respectivos vencimentos?

A iniquidade as tem animado e por isso não admira que O PRESSADOR se veja na ingratia necessidade de denunciar novos escandalos commettidos diariamente por essa sucia de maltrapilhos encorajados por um bispo irreflectido e ignorante.

No intuito de provar fora da provincia pela trombeta vocal de Antonio M. dos Reis, vil laçao do papado, que o padre Ozorio Athayde, pronunciado ha pouco por crime de calunnia e perdoado pela generosidade da victima, goza aqui de consideração, resolveu a *camachila* enviado para Vianna afim de angariar votos para eleger-se deputado provincial.

Até aqui é tudo muito natural porque o intento dos factulos é provar lá fora que gozam de consideração, quando aliás é sabido que até o proprio clero os de testa e condemna: o que porém admira é que o governo assista impassivel as tropelias d'esses salifibancos, sem oppor-lhes energico e salutar correctivo.

O padre Ozorio é empregado publico e recebe do Estado vencimentos. Entretanto larga-se para o interior da provincia para pleitear eleições, continuando, sem duvida, a receber ordenado como se estivesse em exercicio. E isto em uma epocha em que o governo timbra em vulgarisar a sua inapetibilidade politica.

Estamos plenamente convencidos de que o digno Presidente da provincia ignora completamente a fugida d'aquelle padre, pois não é crível que semelhante escandalo passasse despercebido ao delegado do governo que, pelo simples facto de pertencerem a certos gremios mandou censurar distintos funcionarios publicos, entre os quaes o dignissimo inspector da Alfandega, um dos mais intelligentes e zelosos que tem tido a nossa repactação aduaneira, em que peso a *Frifitas* e outras alimarias, que sem respeito ao bom senso e por amor de intrin-

ses inconfessavos, andaram esconceando no PAIZ.

Ora o governo que censurou aquelles distinctos funcionarios pelo insignificante motivo que citamos, não ha de forçosamente consentir que um simples e obscuro sacerdote abandone o serviço da Cathedral e vá para o interior pleitear eleições.

Que o Excm. Sr. Dr. Cincinato ha-de tomar em consideração as nossas palavras, como costumava, é essa a nossa convicção e por isso só nos resta pedir ao digno Procurador Fiscal da Fazenda, que esteja alerta para eliminar da folha do pagamento a nome do padre Ozorio, que se acha fora sem licença; afim de que não aconteça outra quando elle esteve pronunciado, que apezar da lei continue a perceber vencimentos.

#### Lo Sr. D. Antonio.

Sabemos que V. Rm. não tem força alguma sobre seus subordinados.

Dotado pela natureza de uma intelligencia curta e acanhada, tem V. Rm. se deixado arrastar, todos os dias, pelos conselhos maus e perversos de meia duzia de padres desta diocese.

O principio de autoridade, a força moral que o superior deve ter sobre os seus subordinados, o respeito e o acatamento a que tem direito V. Rm., como a primeira autoridade ecclesiastica da provincia, tudo isto, permitto-nos a franqueza, V. Rm. não possui, devia somente a inepcia de que é dotado, e a falta de senso que sempre preside nos actos emanados de V. Rm.

A situação em que se acha V. Rm. como bispo desta diocese, é digna de compaixão e ao mesmo tempo do mais completo desprezo.

Digno de compaixão, por vermos uma autoridade altamente collocada, desprestigiada a todos os momentos, e escarnecida até por aquelles que têm o restricto dever de prestar-lhe a mais completa obediencia e o mais severo respeito.

Digno de desprezo, por vermos que V. Rm. repellindo todos os bons conselhos calando nos pés os principios do direito e da justiça, commette todos os dias as mais palhaxeiis arbitrariedades, indispece com o seu rebanho, tudo isto instigado pelos instintos perversos de um torno de scyphoantias, que esperam a todos os momentos, cheios de júbilo e com o riso nos labios, o completo aniquillamento, a perda total de V. Rm.

Compunctadas do serio e providoso papel que temos representado na imprensa, profligando e tornando bem patentes os actos maus commettidos por V. Rm. e por parte do clero desta provincia, nutrimos a esperança que V. Rm. consultando a razão, procuraria emendar-se e pôr um paradeiro ás immoralidades

praticadas por alguns padres em presença de V. Rm. e em nome da religião da qual se intitulam representantes.

O correr dos tempos porém, tem provido o contrario.

Sardo aos nossos clamores, ás nossas justas accusações, tem V. Rm. procurado por todos os meios incitar os animos de seus diocesanos, com uma serie não interrompida de actos injustos e irreflectidos.

Mostrando do cargo que, por nossa infelicidade occupa, tem V. Rm. concorrido para o descrédito e quasi aniquilamento da religião entre nós.

De mãos dadas com a falta de senso e desprovido de sentimentos bons e humanitarios tem V. Rm. ateado no seo desta diocese a mais completa guerra ás boas intenções, ao direito e a justiça.

Um facto importante é que hoje achase no dominio publico, vero confirmar tudo aquillo que acentuamos de avancar. Por elle vae mais uma vez a publico quanto vale V. Rm.

Com o consentimento de V. Rm. alguns padres desta diocese, crearam uma folha—*orgão dos interesses catholicos*—com o unico fim segundo affirmaram, de fortalecer e espalhar os mais segredos preceitos da religião.

Conduzida a sua direcção a tres ou quatro sacerdotes, altrabidiários e rancorosos, em breve tornou-se o *orgão dos interesses catholicos*, um meio de propaganda, momentaneamente perigosa.

Affundando-se da caunilha que deveria seguir em vez de aconselhar e guiar a povo a pratica de bons actos, o *orgão dos interesses catholicos*, começou a servir de instrumento á propaganda hypocrita, imoral e interessada de seus redactores.

De maizura com algumas palavras do Christo encontrava-se a cada passo a lingua, em torpe das feiras e das tabernas.

E V. Rm. impassivel assistio a tudo isto, sem ter a necessaria coragem de fazer seus subordinados abandonarem o perigoso caminho porque trilhavam, e sem importar-se que elles acobertados pela mais refinada hypocrisia, pregassem ideas retrogradas, perigosas, contrarias ao direito e a religião.

Não contente com esse meio degradante e vil zurrido a todos os instantes, pelos nossos argumentos, venciada por nós que defendemos o interesse do povo, a redacção do *orgão dos interesses catholicos*, cogitou um outro meio de propaganda, que se coordina com a sua indole, costumes e precedentes.

Resolven fazer-nos opposição, ame-drontar-nos, plautar a discordia no seo das familias, inventar tudo aquillo que fosse passivel á intelligencia envelhecida na pratica de crimes e de actos degradantes.

—Resolven, crear um *pasquin*, onde com maestria, vazassem todos os mais sentimentos, todos os odios, todas as baixezas de que são depositarios.

Tornava-se porém, necessario um responsavel, um *testa de ferro*, um homem que estivesse prompto para occorrer com as consequencias, —uma victima para ser immolada.

Procuraram esse homem, procuraram essa victima, e não o encontraram nesta capital.

Redobrarão d'efforços, incunhem a um de seus agentes no interior da provincia, a acquisição de um *testa de ferro*.

Não tendo a dignidade precisa para sustentar aquillo que diz o jesuita lança sempre mão da astucia para escapar ao castigo inflingido a seus actos.

O Mirador foi o lugar em que Guedella Mourão, irmão do conego Mourão, abusando do que ha de mais sagrado, obrigou a um pobre homem, a um pai de familia, embriagando-o, a assignar um documento pelo qual se tornava respon-

savel pelos escriptos da *Civilisação e Phoreá*, nome que deveria ter o novo pasquina.

Dorotheu Manoel Pinto, a pobre victima, quasi a ser immolada, recuperando a razão, e reflectindo no passo que o obrigaram a dar, expõe pela imprensa o facto pvestido de todas as circumstancias, deixando ver que os redactores da *Civilisação*, factos mandatarios de tão infame attentado.

O PENSADOR, firmado em documentos, commentou o acontecimento, e provoem a redacção da *Civilisação*, a defender-se das accusações que pesavam sobre si.

O *orgão dos interesses catholicos*, porém, tem se conservado em silencio.

Tendo como seu principal redactor o conego Mourão, era sua restricta obrigação elucidar o publico do que havia.

O silencio, longe de lhe ser uma arma util, é nestas circumstancias a confirmação do que diz Dorotheu Manoel Pinto.

V. Rm. o que tem feito?

Longe de obligar ao conego João Teofanino Guedella Mourão, a defender-se perante o publico, conservou-se sem acção, authorisandolos a pensar que V. Rm. é novamente tambem em tão degradantes actos.

Para que serve a superioridade do cargo de que V. Rm. se acha revestido?

Não é V. Rm., como chefe da igreja, responsavel pelas más acções de seus subordinados?

Qual a causa do procedimento que tem feito V. Rm. em relação a este facto?

Si tem medo, se não tem a forza precisa para inflingir respeito a seus subordinados, então abandone o lugar que occupa, em proveito de V. Rm. e da propria religião.

A authority que não gosta de prestigio, que não sabe se fazer respeitar, por aquelles que d'isso tem obrigação é uma

Todos elles, porém, como que levados pelo mesmo impulso, voltário-se para seu Pureza...

—Ha de ser o Pureza, elle é *perito* nestas cousas?

—Mas...

—Não tem mais nem menos, ha de trazer-las, ahas recommendamos ao Mourão aquella orphã...

—Se fosse para ir buscar o que aquelle homem levava no coto, disse o vigario, estaria prompto, mas trazer meunias não é preciso porque aqui não está o Mourão!!

—So Pureza, gritavam todos, vá buscar as pedras.

—Nada, só se tirar-se á sorte, disse o Pureza, e agitando uma pedra offereceu aos presentes.

Mas até as pedras conhecem os homens velhacos e perversos!

Seo Pureza ficou com a pedra!

—Arre! que son *capôca*!

—Isto não é *capôcasimo*, disse o philosopho magrico, é a justiça, o deão de Deus! É's um depravado e por isso foste tu o escolhido e dentre nós é o mais capaz de exercer estas funcções!

Depois de isto dizer Albuquerque es-corre na bocca quasi toda a garrala.

Já é objecto!

Teve de resignar-se seo Pureza, mas voltou logo, deitando os bofes para fora, sem poder fallar.

inlidade, uma vergonha, e como tal deve ser expulsa do seo da sociedade.

Si V. Rm. ainda pesa, por pouco que seja, a dignidade e a verdade, obrigue o conego João Teofanino Guedella Mourão, a vir á imprensa descobrir a questião em que se acha seriamente comprometido.

Faça que elle mostre a sua innocencia, ou em caso contrario, descarregue V. Rm. toda a sua culera sobre o infame e vil quem quer que elle seja que em nome da religião e em nome de V. Rm. commette actos tão degradantes como este.

Pense e proceda, ao menos uma vez por si, que estaremos promptos a fazer-lhe a justiça que merece.

Procure sair do abysmo em que o atiraram, restabeleça o principio da authority, que até hoje tem sido tão mal representado por V. Rm., suctada para longe de si os mentirosos e os mãos que o indusem ao erro, que O PENSADOR o applaudirá.

Seja util e grande ao menos uma vez. Nós o esperamos.

COLLABORAÇÃO

1 caridade jesuitica.

Os jornais noticiam que a commissão encarregada de agenciar donativos para os reparos da igreja do Rosario, nada conseguiu do sr. bispo diocesano: o revd. pastor não quiz concorrer com pequena esmola para o acioo d'um pequeno templo!

Que s. exc. revm. não estende o obolo da caridade ao necessitado; que não consola o afflicto; que é o pastor que não abandoa as 99 ovelhas do aprisco para voar em procura de uma desgarrada, já todos sabiam, ninguém se illudiu mais com o bispo que nos mandaram. Mas que o nosso bispo ame tanto o dinheiro, á ponto de não concorrer com um centil

Final consigne halluciar estas palavras:

—Gritar um cadão por estes matos e nada de policia! Apanchei como um cachorro, e ninguém acudio-me. Perdi até um chinelo, o culpado são vocês! Quero o pagamento!

E pôsse a chorar!

—Isto é *ganho*, disse Albuquerque, é *ganho*! Viva o *ganho*!

Viva!

O Albuquerque, puxando-lhe por uma orelha, obrigou-o á fazer uma piroceta!

O Totó, pela segunda vez, propoz o banho, mas como todos recitassem que D. Gêrba se zangasse, acharão prudente, embora todos no *ganho*, retiraram-se para a residencia do seo *chefe*.

D. Gêrba ao vel-es n'aquelle estado lastimavel, em vez de compadecer-se ri-se...

Chamou o *aura-sola*.

Este, ouvindo a algazarra, persignou-se e muito espantado, tremulo, pergunta se são os pedreiros-lyres!

Em vez de ouvirem uma forte *sarabanda*, por terem se embriagado, D. Gêrba reprehendo-os por não haver sido convidado, concluindo assim:

—E já que vocês, palifes, não quizerão contemplar-me na lista das pandegas, vou fazer a minha, porém, ao contrario de vocês, convidado a todos.

—Viva D. Gêrba!

COLLETTIM.

Um Pandega no Putim.

Com o deves saber, amigo leitor, depois de concluida a festa dos Remedios, ficaram aborrecidos, massados, dormentes. Tão nos incommodava, pegava-nos em um jornal, estavam todos *exco* de noticias: — a *Civilisação* não quiz que o seo Albuquerque nos fozesse rir! A cidade de S. Luiz estava mergulhada n'um interior de luto geral.

Tod' e se enfastiavam, estavam n'este numero.

Ficamos na cidade seria loucura; mettemos-nos em um *band* e fomos ao *Colim*. Ao chegarmos lá deparamos com o Antonio Maria que disse-nos haver uma succulenta *pandega* para a banda da Ponte. Quaes serão os pagodeiros?

A nossa curiosidade foi immediatamente satisfeita porque Almas, *sob teguime foge*, os cinco *acommunhados* beatos, Totó, Bristol, Procuca, seo Pureza e até o Albuquerque.

Este ultimo, como tem as pernas fracas e finas, não pôde mais aguentar-se e cahiu redondamente no chão.

Era um *piño ggnitico*!

O Totó, em estado não menos deploravel propunha um banho ali mesmo na Ponte, mas o vigario de Procuca repli-con-lhe dizendo:

Que não se devia ir ao banho sem antes *quebrar-se o jejum*, que tivera, no dia anterior, uma forte indigestão, mas que não fura nada e que estava disposto para outra?

—Quero comer, dizia o Procuca, quero comer!

O Albuquerque, dando piroetas, gritava:—Cala-te, desgraçado, clapa um pouco, ainda temos um restolinho.

Graças á este offerecimento calou-se o vigario e ficou *muudo e queto* por algum tempo.

—Ao banho, ao banho, dizia o Totó.

O Bristol, de garrafa em punho, berava:—Aqui só viva a *pandega*, viva o vinho! E com a lingua perra entou:

Que folo  
Que pagode  
Só não bebe  
Quem não pode.

Neste interim passava um cadão, e atraz de si vião duas cobocelhas, suas fillas.

Procuca perguntou:

—Tem *cien babasso*, ou qualquer cousa que se coma?

A resposta, porém, elle não ouviu.

Bristol, reparando nas duas pequenas, perguntou ao auditorio qual era o que se atrevia á ir buscal-as.

Ninguém respondeo.

para a decoração d'uma casa de orações, é o que ninguém suppoz nunca!

Mas o estylo é o homem, pelo dedo se conhece o gigante, pelos actos o coração humano, são todas estas expressões, a manifestação unica desse senso intimo que nos leva a prescrutar os reflexos do coração do homem.

O grande epico já o dissera:

Que onde estava a malicia, está o receio, Que a faz imaginar no peito alheio.

É este acto nos veio revoiar que só nos mandaram um homem que os dois terços da sua vida passou faminto, na mais extrema pobreza, e que agora quer saciar-se, encher um vacuo de mais de 30 annos cavado pela necessidade.

Quando o Divino Mestre dizia: as aves tem o seu ninho, as rapozas as suas covas, e o filho do homem não tem onde posar a cabeça, ensinava o desapego aos bens da terra.

Mas o sr. d. Antonio fazendo justiça as boas e nobres intenções do martyr do Golgotha, todavia pensa como aquelle condemnado, apenas applicavam as torturas, e aquem exortavam a soffrer com a paciencia com que Christo soffreu os martyrios, responde:

Si eu tivesse a certeza de ressuscitar ao terceiro, e glorioso ir sentar-me á direita do Pai eterno, sem duvida reverendissimos, que faria o mesmo que elle fez. Assim pensa o nosso bispo.

Pois ter passado a melhor parte da vida (até aos 40 annos) sem o amor das mulheres, sem as caricias da paternidade, vegetando na humilde posição de um pobre vigário de aldeia; e além de tudo isto sem vintém, e não sabendo o que será feito de mihi alma, quando liquidar este mundo, sem duvida que não é boa causa.

O platonismo do Christo é um romance. Ha quasi dois mil annos que o filho de Deos veio ao mundo, expellio os merca-

doros do tempo, e no entanto o ouro conserva o seu roimado.

Continua o bispo, em abraço do coração as doutrinas do evangelho, mas soffrer palmeira com todas as suas dolorosas consequencias, não; não faço mais do que seguir as doutrinas dos papas.

Christo habitava as chaupannas, e os papas tem sumptuosos palacios.

É muito bom de dizer-se: sêde humildes como corvoiros, e simples como pombos, mas a realidade é dura, é amarga.

Voltar hoje para a feijoadá com fubá de milho, não!—Ha 44 annos que mas-quei carne secca com feijão e farinha. Hoje deixemo-nos de historias, seja pobre quem quizer. É duro, é aspero, é insoffrivel, a necessidade imperiosa. Apanhei agora este osso gorlo; por caridade, largal-o para que outrem elupe!... Ora!... a caridade é muito bonita, mas para quem nasceu em bom loio, que viu sua infancia escorar-se entre os confortos da abundancia, e sua mocidade nunca sentir fome e sede.

Mas para quem, antes dos vinte annos já estava sem dentes por mastigar pipócas, rosas duras, não; digão o que quizerem. Além disso a escola é um meio directo de acruçoar a mendicidade, e o paiz precisa de trabalhadores, e não de pedintes. As egrejas estão em rituais; o governo que as concerto.

O povo quer esplendores do culto, quando bastam as meus sermões, as conferencias do dr. Mourão, e as homelias do padre Fouseca.

A minha religião fecho-me a porta dos prazeres deste mundo; não posso gozar do amor das mulheres; não posso assistir aos theatros, pelo que não tenho nenhuma noção do genero dramatico, e nem sei o que seja; não posso frequentar bailes, não tenho cunim nenhuma dessas diversões que são permitidas aos demais homens, por tanto só me resta o amor ao dinheiro, que me livra de voltar a au-

fallares em convida, metto-te um pontapé pela barriga, que te estrompo!

Isto disse o D. Gerba.

—Que força de burro! disse o Bristol.

—Jesus, Maria, José! disse o *novo-são*. Pirocana, muito enfiado, foi para um canto da casa e deitou-se.

Em breve Morphem feixou-lhe as palpebras... Roncava...

—Vantós dançar e dançar, disse o D. Gerba, quando estava em S. Paulo era só o que fazia.

—Apoiado, apoiado, repetião todos.

—Então fez-se o seguinte, diz Bristol, cada qual improvisa o seu verso, ao lóm do pagó.

E ahí vai o meo:

Deixe fallar quem quizer  
Digão que sou alveiteiro,  
Não deixarei os meos padres  
Ea quanto ganhar dinheiro!

—Assim, patife, disse o *incommemorable D. Gerba*, o negocio te rende!

—Para mim tambem já rende, disse o Puroza, mas hoje os *ganchos* estão nimito *casqueiros*?

—Agora quem canta é o Albuquerque. *Atenção!*

ouve-se uma voz de *taboca rachada*, cantar o seguinte:

Que importa que os pensadores

liga vida, que me horror; causa portanto ainda, *Deus vos favoreça, irmão!*

Eis como pensa o nosso bispo: para que pois bater-lhe a porta?

Ovelhas!—deixai que o pastor se regalle o resto dos seus dias, enquanto generis de miserias!—Deixai cahir esses templos, donde fugio a caridade, o amor e a justiça!

Essos velhos retirios da hypocrista devem ser demolidos, para que em lugar dellos se levantem casas de trabalho, onde vossos filhos, vossos esposos, vossos irmãos encontrem o pão ganho com honra. Deixai o bispo ganhar o seu dinheiro, que o guarde, e lhe faça bom proveito.

Do que servirá a sua benção, que não vos pode salvar do peccado, assim como a sua bolsa não vos salva da fome?

Passai por elle como se não existisse.

ECHOS DA RUA.

A Pandorga continua a guardar criminoso silencio sobre a declaração de Dorotheo Manoel Pinto, que não quiz ser responsavel pelas infantias dos *Mourões*.

—Quem quizer conhecer mais de perto este negocio, venha ao nosso escriptorio verificar os documentos.

João Godefredo ficou massado com o peaxo porque está ignorava que elle é parente do Gouzaga, pessoa muito de bom.

—Quasi todo o typo de reputação divulsos faz alarde da boa parentella que o accaso e não o sangue lhe proporcionou, como se a dignidade fosse coisa que se inoculasse como a vacina.

João Ferreira Pacheco, de Guimarães, escreveu umas *coisas santas* na ultima *Pandorga* e acrescenta que por causa

Só me chamem *frei-magrico*  
Hei de conquistar as bellas  
Sem precisar do fidejo!!

—Bravos, *Magrico*, queres conquistar as bellas do *coração*?

—Isto não é gloria nenhuma, diz o Totó porque, *có para nós*, ellas são todas nossas!

—Mentis essa, disse D. Gerba, isto é só meo, é propriedade minha!...

—En tambem quero cantar, disse o Pirocana, que acordara com a algazarra e cantou:

Muitos rapazes passeião  
Com o bucho cheio de venio,  
Empuando vot engordado  
Cantendo no *meo concerto*!

—Não prestou, não prestou!  
Pirocana, sentido com a vaia, retirou-se para o canto e para sempre.

—Agora ha de ser o Totó, disserão. Este cantou:

Todos na rua me chamão  
Totó, o velho *rafapó*:  
Lhes respondo—não m'importa  
Pois a *nitra* dá dinheiro!

—Estão, diz entre dentes D. Gerba, de *ninha nitra* sabe tanto dinheiro!!

d'isso lhe havemos de mudar o nome para jesuita.

—Ora seu João Ferreira você pensa que nós não temos o que fazer?

A Pandorga, que está sempre prumpta a fazer barulho quando qualquer padre velho deixa a Magonaria, guardou um silencio mitrado e não contou ás irmãs do coração que o Conde Campello, conego da basilica de S. Pedro, em Roma, deixou a religião papeira para abraçar o protestantismo.

—É isso natural. Aos papalvos não se mostra nunca o reverso da medalha.

O *pasquin clerical*, que onsdamente se inculeca de imprensa moralisada; tratando da chegada de Aluizio Azevedo á Corte dirige-lhe de modo covarde e sob nome convencional muitos insultos, acabando por lhe chamar *uexra*!

—E são estes lacaios, cuja linguagem aguardentada obriga a gente honesta a voltar o rosto, que osaum chamar-nos *pasquinheiros*!

Os tartufos da *Cathisacoa*, alfinindo a Dorotheo, dizem que não se deve dar credito ás declarações de individuos habituados ao *ganso*.

—Admittido o principio, pedintes ao *laudo do coração* que faça abatimento de cento por cento nos *sermões gerberinos*, cujo auctor *pega* muito honradamente o seu *porco*.

Quando a scizia de Santo Antonio quer que as suas frioleiras sejam lidas pelo publico, abre a porta do *chiqueiro* e isca os cães, que vão droitinhos ladrar pelo *caix*.

—Salon, Nicolau, bocca calada, olha bolla.

—Vantós, disse o Bristol, *são Puroza* você canta agora, porque é *serviço*?  
E elle cantou:

Nosso chefe D. Gerba  
Foi quem a *orphã* fliou  
E o infeliz *seu Puroza*,  
Foi quem com a *lamma* ficou!

—Não apoiado, não apoiado, disserão.

D. Gerba não é *empaz* disso!

Então foi *Frei Magrico*! disse o Puroza.

—Qual responden o Bristol, este é mesmo *tuma mulher*, Deus permitta que ninguém o *file*!!

Uma rizada gerat acompanhou a resposta do Bristol!

—Falta ainda o D. Gerba cantar, gritarão em cõro.

D. Gerba, com as ventas abertas e o pescoço espichado cantou:

*Lá vai obra*, *ninha gente*  
En tambem sou *pagodeiro*  
Hoje sou bispo, é *exacto*  
Mas tambem fui *corneiteiro*!

—Bravissimo!

Ao retirarmos-nos, amigo *lobor*, todos *resonnava*.

Tal era a força do *ganso*!

Jacinto Santos.

—Viva, viva!!  
—Pego a palavra, Sr. D. Gerba, disse o Bristol:

Devo ficar muito contente  
O povo do Maranhão  
Por cantar mais um seu seio  
"Um amigo do pião!"

Viva, pois, o D. Gerba  
Viva o Totó *belgim*  
Vivão todos os *ganistas*  
D'este patusen *chifrim*!

—Viva; viva o Bristol!  
—Viva!

—Você ha de recitar, disse o Puroza. Nesta occasião o Pirocana dá-lhe uma *formidavel praça*, que atrá-o sobre o *nova-são*!

Este, espantado, exclama:  
Jesus, Maria, José!!  
E calhe-lhe os olhos.  
O Bristol ajunta-os e improvisa:

Não pensem que isto é *hentinho*  
Nem ão ponco que é *rosario*.  
É a *caagaba* que usa  
O *reverendo cicario*!

—Bravos, bravissimo!  
—Então não se como? pergunta o Pirocana.

—Gala-te, grandissimo *esfala-tripax*, se

O capitão Bristol, depois que deitou a pasquin, chamou-se às encobertas e traga caladinho as justas represalias.

—Estes e outros factos fazem com que hoje quando se quer chamar um typo sem-vergonha, diga-se-lhe simplesmente —você é um Bristol.

O padre Fonseca continua, na Pousadga sob assignatura de Joaquim de Albuquerque, a escrever uma purga de babaesiras repetidas e repetidas, onde o insulto anda a par da obscenidade e a phrase de sentido duplo é immoral e usada sem pejo e sem moderação.

Quem viu este sacerdote e quem o ve agora, acredita como nós que o viço a que se entrega ha-de o tornar completamente idiota.

O Augusto Almeida deu um solenne cavaco com a historia do Sacconi e declarou que se julgava a nome offendido se o comparassem a um Elephante. —Bomem o Figueira não deixa de ter razão, porque aquella purga eternamente cadulo tem seus ares de uma fronda em embryo.

O nosso estimavel sr. Puzos, que tantas vezes tem sido confundido com seu Puzos, que não é o nosso, resolveu para evitar dúvidas assignar-se de hoje em diante—Moyses Tade Pinho de Gigano.

Agora o que nos resta é que o sr. Moyses Saraiva venha brigar com-nosco, dizendo que elle é que é o pinho.

O nosso incansavel reporter das Mercês não nos tem contado sobre as virtudes devotas que allí faziam constante peço no modo que a nossa primeira lieção teve um optimo resultado.

—Estamos alerta, ellas a voltarem e o pulcão a saber todos os seus passinhos.

Para tirando o dengoso está damnado porque com os nossos escriptos afugentamos das Mercês algumas aranhas mexericanas allí levadas pelas abelhas mestras.

—De des o tempo milhafe, pois nos não podemos de vista tuas admeas garças.

Moyses a dos tempus, Santo Antonio na Sexta-feira ultima:

- Beato da caracurudu..... 11
  - Dita da santa especulação... 18
  - Thesoureira a balão..... 1
  - Zeladora á estorbe..... 1
  - Grande chefe das pagés..... 1
  - Sua baguete magique..... 1
  - Sua fonte reservada..... 1
  - Sua negritinha corceiro..... 1
  - Curiosos diversos..... 15
- N. B. O Pinho de Gigano não foi o vir o Marcano.

Sovor Pompadour.

GERONIMA

Que dez dias pifos, mesquinhas de novidade? A não serem as ridiculas intrigas elitoraes, nada, nada move actualmente este hom e pacifico povo?

Porque não ha de o sr. bispo pôr termo a esta passadeira, extendo uma das suas?

Si a exe quizesse punir tudo em movimento? O seu nome correria de bocca em bocca, desde a porta da botica até a Corrupção.

Mas o sr. bispo vai de dia para dia perdendo a popularidade transesca que fazia as delicias, o assumpto d'esta população?

—Onde metteram-se os bons tempus em que á porta do Santo Antonio ou das Mercês, a Muzo achava assumpto para as suas festejas churruacas?

—Era a gente collocar-se allí e escutar. —Que miserado, dizia d. Theresza, saindo de Santo Antonio!

—Que insolente! resmungava o sr. Marjano: só disto nos publica mondar de S. Paulo!

—Como pode-se dizer tanta disparate e tanto desaffor! Este fiasco chupa. Não achas, Justino?

—Então, D. Bibi, as anquiulas, os chapéus da moda, as vestidas compridas são a causa da falta de chuva?

—Se o d. Ambrósio, o sr. bispo acabou de dizer a elle que diz...

—Mas o sr. não usa de nada disso e porque não chove em sua casa?

—Oh! meua, se para pagar o justo pelo peccador!

—Isto só a pedra, meus senhores, dizia um rapaz a sua duzia de amigos, indignados, capozos de demolirem o convento. Isto é uma afflicta á população!

—Fora o Gereba, acrescentava um outro mais entusiasmado!

No dia seguinte era o exe o assumpto, o movimento da cidade. Tudo quanto o sr. bispo havia dito, tomava, em 12 ou 20 horas, proporções colossaes! E a gente ria-se, divertia-se e esperava com ansia pelos comentarios de Aluzio.

Este tempo ha-se! Hoje só temos uma vez por semana a Civilização, a triste e vacuetada e caduca, a desenhada Mata-nasca!

Não ha remedio senão atirar-me a ella. Uma boa pilhetta deu-se ultimamente na Corte. Os jornaes, na falta que costumam a publicar das pessas que vão comprimentar o imperador, citaram o nome do Marquez de Rastadante e o conde de Rhinoceronte.

A Civilização tem tambem na sua redacção um finalgo, um titular! Assim se deprehe do editorial com que abriu-se sahado, 20 da corrente.

O artigo trata da memoria de Pei IX allargado, uma viagem pela tributação. E pelo seguinte topico que a heraldica do jornal redolido lra a descorbenta:

«Si hoje tocamos neste dolorosa assumpto e para abrir nossas colunas a seguinte carta que nos é dirigida, com o pedido de publicação pelo sr. padre Jeronymus Mastai-Ferretti, Sr. Marquez, como recbistas de um peccação etc.»

Quem será este marquez? este titular que enuñdresca as pegnas do braço catholico?

—Dar-se ha a casa de ser o Fonseca?! Tera s. exe remm? leito-lhe meré do titulo de marquez, e até fez-lhe das meças encarnadas?

Tera o Fonseca aceiteado?

A ser elle, é manifesta a idea do Maurão querer enandecel-o.

Houdem arranjar-lhe a monação de cozege, hoje fido o marquez. E o bibe, o telefiro accitório em tal?

—Amanhã ful-o commendador, dignatario e o infelix que já anda de meças encarnadas, servido de escarato á população, apparecerá com o peito coberto de rotulos

de garrada, livelas velhas, faços de fita etc. E não tenha o gente dô de um rapaz tão bem criado e tão malfadado?

A ser assim não sera para admirar que o meu amigo Castro que o outro honreo da Mineração, esteja elevada a conde do... da Pitada.

Estão com curiosidade de saber de que loje se compo e o Fonseca marquez. Ha-de ser algum titulo sonoso, cheio, terrivel, mais terrivel do que o Mastadante e Rhinoceronte? E o escudo, as armas da nova titular?

Parabens sr. cozege marquez! Parabens!

Acha-se rehabilitada a memoria de Alexandre II?

Hoje ninguém acredita que o santissimo papa fosse crapuloso, enrustoso e assassino, graças ao profundo trabalho archeologico de um dos redactores da Civilização! Quem diria que ao Maranhão estava reservada a gloria de ampujar a historia? Com certeza o Bautil e o proprio Gual na proximas edições vão ser reformados.

Uma unica coisa não pode acommoite rellatir foi ser o papa Alexandre o pai de Lucrécia, Cezar e Francisco Boje! Assim pois, ainda mesmo que Alexandre não fosse incestuoso, crapuloso e assassino, esta proxima edição do thimo pontificio um sacerdote, um cardeal que tinha uma amante e alguns filhas?

Ora, sendo o papa o successor, a representante pelo e gerente de S. Paulo, parece que á abstinencia, a castidade do sr. padre Fonseca Marquez não tem razão de ser. Não tem logo o sacrificio de se revm?

Ninguém podia exigir-lhe que nos desse uma Lucrécia Boje, mas todos conhecem que não lhe seria difficil apresentar uma Nobertha ou Juiza Sarmica.

A continuação e conclusão de Alexandre II constitue o segundo artigo da comadre e tomolhe duas columnas.

Siguem-se tres natecetes e as cubigotas cozege a nome o Marquez arregaga o latino e faz mil cubisitas. Esta engragado, pois não? Você a continuar assim, com esse capoeiragem, corre risco de perder os guizes e quebrar a espinha. Cuidado, p-drel, cuidado!

Vou ao noticiario. —Não justifica-se —Com este titulo atiro-se elle hydropicamente no Diario e com arte, sem ainda querer tocar na causa, chama o Bartheo Pinto helyto etc.

Agora o pobre honreo é tudo. Si tivesse accedido a solidos e fosse O Pensador que o chamasse barracha, tests de ferro, a Civilização seria logo em defesa da seu responsavel; seria elle um honrado pai de familia, um catthico succero, uma pessoa de alta importancia e saber que to so por amor á santa religião—offerecia-se em balacasto ao capazio.

Ah! marotos, não e com meias palavras que lavarão a lama em que estão atolados. Nem toda a agua do mar, nem as respigas da corna da Minervo são sufficientes!

O reitor de um seminario e a imprensa catholico-liberal—o o titulo de um outro ponto do noticiario. Falla nas malhas que soffrem alguns jornaes por haverem injurado um padre, reitor de um seminario e elogio por isso a magistrature franceza. De accordo, comadre, tambem por é precisamos desses magistrados, com a differença de que o condemnado seria não a imprensa, mas o reitor e vice-reitor de certo seminario.

Mas que quer, comadre, nem em tudo podemos imitar a França. Lá os jesuitas são expellidos a fora dos conventos e banhões, aqui o Mourão e o Fonseca stacam a cons-

ciencia, espalham a descorbta no lar, insultam as auctoridades e palitam os dentes!

Peregrinação á Lourdes—é a terceira parte. Descreve a colla á Paris da peregrinação da salú. Diz a comadre que a alegria foi indscriptivel. Com todos os que baharam-se nos antigas aguas, vieram honr e outros sahores; que um camião um paralytico agra fóra as moletas e que muitos cego já começaram a ver!

So faltou algum defunto de trez dias levantur-se.

A agua de Lourdes sera boa para paralytico, porém nos tempos coisa melhor, muito mais prompta e sem ser preciso ir tão longe. A receita não é minha; é da comadre mancepa e já experimentada por um pobre cearense em peiores condições e que hoje anda mais lepidu do que o Fonseca. Para paralytico não ha como boa brava.

Por fallar no Fonseca, lembrou-me de que talvez uma peregrinação a Lourdes e um habito calado na fonte sagrada, lizessem-lhe bem. Talvez s. revm. vísse realizado o seu amor desexo: seu barrigudo.

Ninguém imagine a pezar deste amigo—por não ter ao menos uma pequena ondulação—que elle passa, correndo a mão, chamat miaba barriga.

Uma mulher sem peitos não lamenta tanto sua soledade como o Fonseca a falta de abdomen.

Este martyra apoderou-se delle, desde que o ingrato Mourão começou pela imprensa a dizer que o seu infelix collega não tinha a barriga presa ao quartel?

A doborra do sr. arcepreste chamou a attention publico para a physico do Fonseca, e so então, com grande admiração, todos reconheceram que barriga era causa que a infelix padre não passava.

Dahi veio-lhe o desexo ardente de ter uma pansa; desexo que talvez a agua de Lourdes pudesse realizar e s. revm. voltasse mais barrigudo do que o Timoro ou o Garcia.

Experimente, podre-mestre.

Se que se um pequeno artigo em que a historica, tanto da justificação de Alexandre II, e rachtamente elogiado. Paf!

E' preciso arranjar um titulo ou condecoração para esse bicho.

O estatuto do Brago e a licença ao sr. Victor Lobato são duas espinhas que estão atravessadas na garganta da comadre!

O estatuto serve de pretexto para alguns desalores ao digno sr. dr. Lacerda e a licença é motivo para algumas barbaridades ao honrado sr. presidente da provincia.

E ha a comadre a apologia da justica franceza! Na França não cria, cossé em tal. Ainda á proposito de uma discussão que tem havido entre o dr. Bulhões e um outro seu collega, a comadre dirige alguns mais olhados ao distincto sr. dr. Cineolato!

A Civilização tem seus dias de má humar.

Continua ainda o noticiario que nada mais apresenta digno de reparo; muita parvoce, muita palhaçada. Fecha com um elogio aos protestantes!

Agora mesmo acaba de dizer-me o seu Puzos que o Fonseca ha dois dias que está soffrendo de uma molesta original.

Solo! a ser exacto!... Agora lembro-me de que amanhã, pela primeira vez, vai o povo manifestar livremente a sua vontade na escolha dos seus representantes.

Parabens ao generoso e patriotico partido que dirige os destinos do paiz e meus pesamos a comadre.

Sou esperado em uma reunião publica, e por isso oprassadamente despeço-me dos leitores d'O Pensador ate o dia 10 de novembro vindouro.

Comadre, cossé está zangada? De um abraço, um beijinho ao seu

Urbanu Granier. 20 de outubro de 1881.

Maranhão.—Typ. de Eris & Filho—Imp. por Antonio J. de Barros Lima.

A sua morte vai ser pranteada pela sua familia que elle extremouca sobre tudo e pela mocidade franca, leal, de que elle fora um ornamento.

Deve-lhe a sociedade um bom exemplo—filho exemplar, esposo amavel, pai extremoso e homem digno.

Fazia parte da distincta redacção d'O Pensador que com a sua morte perdeu de seus mais fortes sustentáculos.

Até o ultimo momento trabalhou e lutou.

Si fora nosso proposito fazer aqui a biographia de Manoel Antonio de Pinho Junior poney teriamos a dizer, porem nimo a admirar de suas neges pautadas pela honra, pelo dever, pela verdade.

Lamentamo-nos a recomendar a mocidade a memoria do seu procedimento.

Podeis cobrir de terra esse cadaver que não o fareis desaparecer de nossa idea.

IVA PACHELLA.

O maior elogio de Manoel Junior é a *Paraphrase* nestas palavras:

«Lamentamo-nos a recomendar à mocidade a memoria do seu procedimento.

«Podeis cobrir de terra esse cadaver que não o fareis desaparecer de nossa idea.»

Se a familia perdeu um membro estimado e necessario, a sociedade um brilhante ornamento, a idea moderna um vigoroso sectario, eu perdi—o melhor dos amigos.

A. de P.

O homem e o infinito.

A MEMORIA DE

MANOEL ANTONIO DE PINHO JUNIOR.

Este imperfecto e finito, não pode o homem contemplar impassivel esse incomensuravel espaço nem essa duração sem fim, chamados—infinito.

Comprehendo o impossivel de prever, a impossibilidade de apreciar o em seu caracter absoluto; mas nem por isso deixa de aspirar a esse termo de suas ideas, do suas sensações, de suas volições.

Nos primeiros tempos da vida, como que escapa-lhe essa noção; mas, apenas desenvolvida essa faculdade superior chamada razão, não pôde mais satisfazer-se o homem a esse effeito de tão luminosa causa.

Não se contenta d'aqui a negação do fim sublime idea, na primeira quadra da existencia; porque essa natural repugnancia a dar, a espurgar a destinação, o horror a morte, não são mais do que um effeito d'essa idea de vida, de eternidade, do infinito.

Muitos chamam a vida um sonho. Admittimos a hypothese: N'esse sonho, porém, os objectos que mais a imaginação impressionou, são dois ideos divinos—infinito e liberdade.

Esta pôde, com a idade, com o soffrimento, afrouxar, entibiar, esmorecer; aquelle cada vez mais se enrije, se fortifica e vigora.

Mas, assim como é certo que a mais clara idea do infinito é suggerida pela de finito, sem que este seja causa d'aquelle, assim é a mesma idea absoluta que leva o homem a comprehensão e accção da de limite, de termo, de fim.

Sim; da grande harmonia da criação não poderia resultar outra conclusão—foi invariavel para todos os seres creados. Não tem o homem o direito de substituir-se a essa lei universal: submittese-lhe.

Longo, porém, de ser isso causa de desapego a vida, mais consolida-lhe o desejo de longa existencia. Reconhece-se largo o tempo para durar mais do que lhe é permittido; mas aspira a perpetuidade. É por isso que elle trabalha, é por isso que se esmera, é por isso que se sacrifica. Quer deixar aos vindouros algum vestigio que lhes indique sua passagem.

O espirito, como principio, como causa, é necessariamente activo; como força, essencialmente productiva. Logo que o homem comprehende o que é, o que pode ser o que deve fazer, não consente que sua existencia passe imprudicamente. Pela actividade elle como se reproduz. O trabalho nada menos é do que o effeito de uma causa, que é a alma humana. E pelos effeitos que a causa se manifesta, como pelas propriedades a substancia. Quando a vida desaparece o homem, ficam-lhe as obras para attestar a preterita existencia.

O homem que na sociedade vive sem apresentar o resultado de sua actividade é como as plantas parasitas que das outras tiram sua nutrição. Taes plantas são na botânica o que o homem imprudente é na sociedade.

Assim como o meteorito deixa após si um rastro de luz no firmamento; assim o espirito producer deixa na senda da vida o glorioso testemunho do trabalho.

O devorito passa sobre a arva movida; não lhe permanecem as pegadas; o merito grava sobre o bronze seus indubitaveis caracteres.

A tendencia a perpetuidade tem sua explicação até n'essa resistencia substancial que os corpos opposen a tudo quanto prejudica-os; a tudo quanto tende a destrui-los. Tal resistencia frustra não raro os meios de destruição; a substancia material, porém, não pode ter d'isso cabalmente, pela carencia de pensamento.

E aqui que se ergue a grande importancia do homem. Na criação, só elle pode dizer: «Gogito, rego campo.»

A resistencia substancial do organismo junta á espirital e assum oppoese, consciente, a qualquer causa de destruição.

Mas, não haverá assim contradicção nas leis da natureza?

A primeira vista, quem se attender superficialmente as cousas, poderá avollir ao espirito a perplexidade, a duvida.

No espectaculo universal, a natureza se nos apresenta por um prisma tão variegado em cores, tão multiplicado em raios, d'aqui, muita vez, a illusão.

Aprofunde-se, porém, o exame, perceber-se no estudo, medite-se, e o *pot latere* da intelligencia patenteado irrefragavelmente ao senso e sentido observador o resultado continua, a unidade, a harmonia que resta, mesmo no em que mais desparece discordar essa natureza.

A opposição, portanto, que o homem apresenta a todo principio de destruição, longe de ser uma contradicção entre as leis naturaes é uma prova da harmonia do universo. A luz não pôde ser a sombra; mas, por não poder existir esta sem aquella, não se reconcilia sua identidade, nem se negue a lei physica pela qual uma produz indirectamente a outra.

Godendo a lei da perfectibilidade, o homem trabalha para a perfeição relativa, ancorando assim para o melhoramento da obra universal. A acção que sobre elle exerce esse ideal divino determina-o a não querer passar desapercibido, a representar um papel digno na scena do mundo e perpetuar seu nome, sua memoria.

O lavrador no meio das fadigas da agricultura; o artista banhado no honroso suor do trabalho; o physico, quando desce nos mais minutissimos processos analyticos, ora rememorando as leis que regulam a pacificação dos corpos no espaço, ora estranhando-se pela terra para estudar-lhe a structure interior; o chymico entrophe ás multiplicas combinações que se resumem na synthese; o philologo, aprofundando o estudo da origem da linguagem e da suas incommensuravel relações com o pensamento; o philosopho, quando meditadamente pela razão, e investigar o prescender os principios, as causas; a razão de ser de tudo o que existe;—toles effeitos têm um norte, um planal, uma luz—o infinito.

Pequeno como é o homem, possivel levava a grandeza do comprehender o ne-

cessario, o absoluto. Quando outra causa não houvesse para sua supreencia na criação, bastaria essa unica idea para sua gloria.

Sobre a louca do amigo que abraçou trabalho, idolatrou a honra, adorou a verdade e comprehendeu o infinito; caíam não os prantos da hypocrisia, mas as grimas da saudade.

Maranhão, 5 de novembro de 1881.

S. A. N.

As sentinella e sempre lembrado do passamento de

MANOEL ANTONIO DE PINHO JUNIOR.

Um poney ainda havia comangado um outro—Não tinhamos tristezas, não cramos tão sós!

Do *Pensador* nas Alas ha poney inda-se via, lambido contra o ferro e a vil Hypocrisia, O varonil guerreiro, o paladino andaz, Que fuzo temer d'horror o Satanas, Aljeste e que só vive no lado das regias, No fundo tenebroso das felias—Succisias.

Havia um companheiro valente e dofiado, Um filho da justiça, um corajoso cotado, A tudo o que ha de grande, sublime, justo e nobre.

—Apoteolado de heroi, em a irradição do poder, Tinha a bondade incommensuravel e generoso, Dos heros do futuro, d'aquelle que nos pechos Anilado de Verdade e sacrossanta integridade, D'essa plangeira altiva que, cheia de coragem, Energia, flutua a fronte coesa e vil D'essa natureza Roma retrozada e sovil!

Pinguete dos negreiros da consciencia obscureta, Sua verba intelligente e rubro como a lava, Equivoque em delicia da Suetia Iden Nova, E is, como o raio, fozit dentro da cuca O fuzo da razão, a exortando, ojetivo, Que odea a Liberdade e o livre pensamento.

É hoje o que nos resta d'esse tão caro amigo? Do Lanchador que, amado, ao sorriso inamigo Sempre a fronte mostrou altivamente erguida, Torço d'essa continha fatal, absorbida, Que detesta o amor, a virtude, o Direito, E só vive das trevas do erro e da presenciosa?

Já não tem vida, e o nome, transformou-se a Morte!

Apenas é um nome, é um nome effereo.

Esforçou, féis e mal, a Morte, esse Dragão, Voz arrojar, seu dól, de irado o corpo tremido, Voz pedir um filho desdichado, extenuado, X'lamando espanto vazio auctor o espirito; Voz, com dól, rebrar essas nefandas bellas, Que não terão mais, nunca, d'uma par maior desvelo!

Que em alto norte o brilho das consciencias puras, Energia nos estereos e féis sepulturas!

Assim ao Monumento sagrado dos Obceiros, Da Beza, das que são ferros e leões e jureferricos, De esmeraldas reptos de mármore do homem, Das almas generosissimas, cheias de luz e espirito, No Monumento bello, no o tempo não compare, Em letinas d'ouro e luz, gravou-se já seu nome.

Desempega, pois, Amigo, na paz das sepulturas, Que não se escure o brilho das consciencias puras.

Maranhão—Novembro—1881.

A. P. D. S.

Secundário a ver que ficou compecho, para um fuzo o curulo no pério quando casando que já firmou a crede na terra pontuella!

Gracioso Deus.

Meio viário, a estrada é longa Se ocrena não teria a se mostrar, passava nos beijos da morte tão aceno; por entre as frangas evoltas do palmar! Acosta viário, já nos outeiros a amara cometa a despartar.

A tua lança de combate não a deixes, esparçada sobre o tronco da palmaria! Vires em busca do destino, o cultuar!

quando for o nome a lanchegira, e então nos contaria os seus dos lachos —os trabalhos de jornada aventureira.

O porvir, tu bem sabes, é tão longo! É verdade de perigos povoado, onde ha muitas de horrendas tempestades e também a mais espedida alvura! És tão moço! tens no peito tanta vida! que de certo não ha perigos na jornada.

Trabalha, não tardas e sol com seus ardores guardarte a doce alfombra dos caminhos!... Tu vem elle domando os altos combates... Coma casto a saudade os passadinhos! Amigo! bebe a morte, não reveses fozites das arcos nos espedios...

O que tens? não responde, inmovel feo sobre o relva cercada da espedeira... A foziga o venencia?... adormecida?... an infante o perfume da banha? Elle morto?... acra Deus, inda em vida para o nosco empregar tão negra vida!

Elle morto?... Só a morte veneraria este madre e generoso corajoso, Marcel!... só a morte negaria este cerebra do fogo, este ardido! Cratera!... abenerice até as agoras de Lourdes ou do biblico Jordão!

Morto! vira a bordo de espedas empilhadas sobre a triste sepultura! Poderá a peçonha dessas viboras converter a luz do sol em noite escura? Não que a lufalar deixa na verde o espedio que illudam esta pluma.

Morto! só da morte a negra espada a podia aniquilar o libano. A morte que não poupa o fozigo, o poder, que nunca até o proprio Redemptor, vemem, mas não fozito, em dita pedra a semente que se chama *O Pensador*!

Trabalha! existe certo sobre a estrada, quando a angora comete a despartar, quando a flor que venencia comegara a rolar e o solo, a relatar!... Dismença! O meso pranto é d'esse orvalho e a planta cercada ha de medrar.

\*\*\* S.

ADEUS A Pinho Junior.

Has crado o nobre heroi, zont right!

Shucks-pauze.

Cabiste, cabete, o cado inumando o fozio, O teu olhar do fozio então no fozio sombrio, A tua bella fronte, aquella fronte espeda pendia abando de uma tristezza heretica! Em o albor da vida, a fozera mais da morte, mostrando os cranal, heretica, rija e forte, que vinda comprimir-te o nobre cerceio.

Ac proso esmagador d'aquella estranha maço, só que fozite mesm... Cerebro dos fiblidos, das foiras creaturas—os candidos anjinhos do nos de uma unção alegre e venturosa; de riso perfumado de amor e de rosa, no doce deslizar das comas do teu har; só quando a tua orga da morte veio girar em cima do teu corpo e, logo após, então, d'inefivel foziteza, cabiste sobre o chilo!

Em vesbo contemphe o teu semblante pela ultima vez a sepultura; quero sentir bem, budo e lacrimoso e dar desta signansa desventura.

E soffrer! E soffrer! Em bem quizera provar até as fozas do martyrrio para depois dizer: «isto é chuzença! Aquí se morte p'en se viver no Empyrio!»

Mas, em não posso, não! Em que desento nada bem solenne, derradeiro em que reprimas da pupilla o pranto—uma enação dorida e verdadeira!

Não te posso sentir, o meu amigo! Desempega, tu, que, pois, aqui viente encontrar sobre a terra ultima abego e amparar este tronco de espedre.

Pois, sim! N'essa fechada espedida do leito em que repousas, que contemphe; cu vesbo te apertar ainda a mão, eu vesbo te dizer—admir! Boa noite!

É um dia, a desentuar mais d'esse tronco de amizade ou de infimo desento, nas flores que nascerem junto á rocha hei-de rever os ramos de tua vida!

S. Lúis—Novembro—1881.

José P. GONCALVES.



BIBLIOTECA PÚBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO